

O Velho Chico não está pra peixe

Assoreamento, esgotos sem tratamento e usinas hidrelétricas vêm provocando uma preocupante perda de biodiversidade no histórico São Francisco, o rio que ajudou a integrar o país

Texto | Camila Natalino Fróis

Fotos | André Dib

Carroceiro em Matias Cardoso (MG) na margem do São Francisco: o pequeno município de 7 mil habitantes preserva tradições culturais, costumes e histórias de uma época em que o "Velho Chico" tinha mais fartura



“Quem passa pelo São Francisco e sente a água batendo no joelho leva o pensamento pra longe”. Segundo Eldécio dos Anjos, que vive às margens do Velho Chico na divisa de Minas Gerais com a Bahia, os ribeirinhos já viveram tempos bem mais pujantes. “Aqui tinha mais que peixe, tinha vapor e caboclo d’água. Tinha rio cheio. Esses dias eu fui banhar nesse rio e quase morro. Fazia três anos que eu não nadava nem nada. E passei um apuro, não ficou santo no mundo que eu não chamasse. Quando ia afundar, percebi que a água estava pela cintura... e saí andando”, conta o morador, rindo da própria história em nossa visita à pequena cidade mineira de Manga.

Quem percorre as cidades ao longo do São Francisco não cansa de ouvir relatos saudosos sobre um rio que servia para beber, nadar, que transbordava a canoa de peixes e no qual era possível encarar longas travessias de barco sem medo de encalhar. São histórias que parecem remeter a um lugar muito distante daquelas margens. “Antes,

você colocava o anzol na água e pescava surubim, pacamã e uns dourados que só vendem!”, lembra Eldécio.

Hoje, a cada curva do Velho Chico, a sensação é de se navegar em um rio de contrastes, seja na região do cerrado mineiro onde ele nasce, seja no sertão nordestino, o qual atravessa antes de desaguar no Oceano Atlântico, entre Sergipe e Alagoas. De um lado, águas poluídas pelo esgoto industrial de grandes cidades, matas ciliares degradadas, comunidades empobrecidas e a constatação de que a pesca artesanal, símbolo do rio em tempos passados, já não consegue sustentar as famílias de pescadores. Do outro, a singularidade do patrimônio histórico desta região, as cores da cultura popular, alguns trechos de água verde cristalina e paraísos naturais que, quase milagrosamente, ainda resistem no curso de um rio tão sofrido ao longo de seus 2.700 quilômetros de extensão. O que não muda ao longo de todo São Francisco é a hospitalidade do povo ribeirinho.

A cada desembarque do Projeto Cinema no Rio, que há oito anos leva projeções de cinema para cidades ao longo do São Francisco, a saga se repetia. Ao todo, as sessões do projeto já foram prestigiadas por mais de 200 mil espectadores em povoados da nascente até a foz do Velho Chico. Geralmente recebidos pelas crianças curiosas que se aproximavam do barco, caminhamos pelas ruas de terra nas cidades mais simples, conhecemos igrejas históricas, tomamos café com as lideranças comunitárias e visitamos artesãos de carrancas, músicos, fabricantes de rabecas, ex-marujos e outros personagens que parecem ter saído dos livros de Guimarães Rosa.

No batuque do carneiro

No local de exibição, a montagem da tela já chama atenção da vizinhança. Em vez de peças pesadas usadas em projeções convencionais, um grande amontoado de lona se transforma em uma tela de cinema de 10 x 7,5 m em apenas 15 minutos.

À noite, os moradores se reúnem todos em uma só plateia. Quando a praça fica repleta e a fila da pipoca vira a esquina, o projetor dá vida a diferentes histórias, com a brisa do São Francisco no lugar do ar condicionado.

Algumas histórias sobre o São Francisco, registradas em breves documentários gravados nas cidades percorridas, deixam flagrar um sertão mítico, quase irreal, com casas cobertas por uma poeira alaranjada, balsas enferrujadas, casas de farinha e rodas de batuque. O cenário ilustra a nostalgia dos moradores, que relembram as grandes pescarias do passado, a mata habitada por onças e índios, as viagens nos navios a vapor e as festas iluminadas pelas lamparinas de azeite. “Olha, moço, aqui era uma mata bonita, mas hoje ‘diferençou’ muito”, conta o senhor Luis Saldanha. Suas lembranças, e de outros moradores do distrito de Mucambo, ganhavam cadência no vídeo. Apesar de contar da beleza da paisagem, a fartura da lavoura e do rio que esbanjava peixe, Sal-

Na Foz em Piaçabuçu (AL), a pesca artesanal, mesmo que em decadência, mostra que ainda é uma atividade-símbolo do Velho Chico



Cinema ao ar livre em Itacarambi (MG): cultura improvisada em cidades que não têm cinemas

danha não se esquece de que a tecnologia era escassa e a rotina mais difícil. “A luz era de candeeiro e a água a gente pegava no riacho. Às vezes, fazia um buraco fundo pra juntar água minada pra pessoa ‘panhar’, mas quando vinha a chuva, enchia de água barrenta”, lembra.

Segundo a vizinha Maria Inês, a falta de eletricidade nunca atrapalhou as festas no sertão, nas quais os vizinhos dançavam o “carneiro”, uma espécie de batuque marcado pela ancestralidade africana. “Hoje é difícil você ouvir um toque de sanfona. Antigamente, era só a sanfona tocar e o povo batia carneiro na lata ‘veia’, porque nessa época não tinha nem caixa, mas era a noite inteirinha dançando e se divertindo”, recorda Maria Inês.

O casal Vicente Ribeiro e Raimunda Ferreira, assistindo os companheiros dançarem,

rememoram os tempos mais jovens. “Quando a gente vê o povo rodando assim, dá uma vontade de pular pra dentro, mas e a coluna, que não deixa?”, desculpa-se Vicente diante do olhar saudosos de Raimunda.

Os moradores na tela

Além dos batuques que hoje são menos frequentes, alguns ribeirinhos têm saudade do espírito comunitário de épocas passadas. “Aqui quando pescava um peixe ou matava um bicho era assim, o dia inteirinho distribuindo pros vizinhos a carne, a farinha... Ninguém precisava comprar nada, só sal e café. O resto tudo era de lavoura, que todo mundo dividia. Por isso a gente chamava aqui de Rua da União”, recorda Vicente.

Apesar das lembranças das festas, do folclore, das procissões e da fartura, não há depoimento que não seja atravessado

pelas histórias do rio e, principalmente, de sua degradação. “Como viajamos pelo rio, não temos como ignorar a degradação. Estamos conversando com as pessoas, colhendo depoimentos e colocando os próprios moradores na tela”, explica o idealizador da expedição, Inácio Neves.

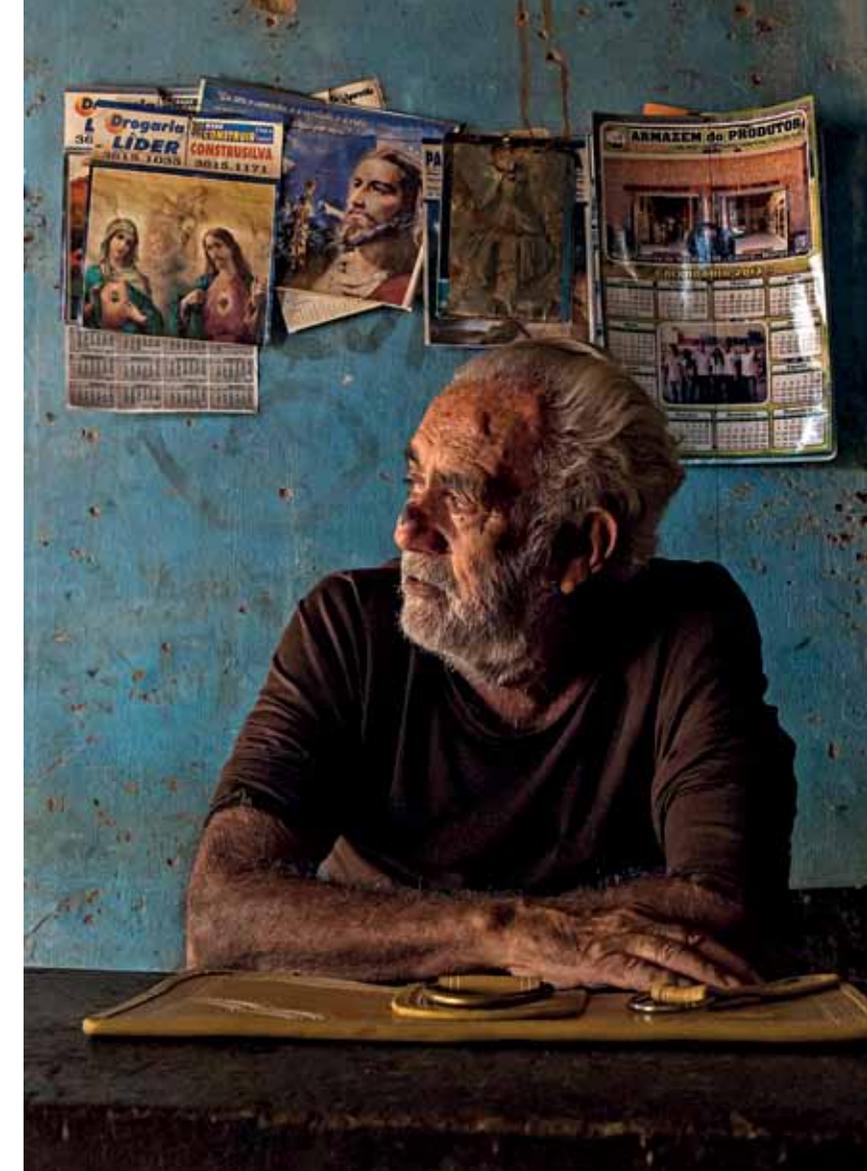
Desde a primeira vez que o barco do projeto percorreu essas águas, em 2004, as margens se estreitaram de forma significativa e a profundidade do rio diminuiu ainda mais. No entanto, este é um processo que teve seu início há centenas de anos. No século 16, por exemplo, a foz do São Francisco registrava 12 quilômetros de embocadura, hoje reduzida a 1,5 quilômetro. Essa é só uma das grandes transformações pelas quais tem passado o chamado “Rio da Integração Nacional”.

O apelido já fez mais sentido quando o Velho Chico era o principal caminho da região Sudeste para o sertão nordestino. Naquela época, 32 navios a vapor singravam regularmente suas águas, transportando mercadorias, levando e trazendo correspondências, encomendas e pessoas que chegavam a viajar quase um mês a bordo no trecho navegável do rio, entre Pirapora, em Minas Gerais, onde ele nasce, e Juazeiro, na Bahia, o maior centro urbano do semiárido nordestino e ponto de partida dos polêmicos canais que levarão parte da água do São Francisco para os municípios mais atingidos pela estiagem, localizados no Polígono das Secas.

Da época das grandes navegações e das pescarias fartas, só restam as memórias. Em cada gravação, é só ligar a câmera que, entre uma história e outra, a mesma queixa se repete: “Os peixes acabaram”.

O fim dos peixes

Na nossa passagem pelo distrito de Barra do Guacuí, no norte de Minas Gerais, não foi diferente. É nesse ponto que o Rio das Velhas, um dos mais poluídos do Brasil, deságua no São Francisco, trazendo lembran-



ças não tratadas da região metropolitana de Belo Horizonte. Da varanda de sua casa, João Francisco Silva discorre de forma bastante consciente sobre o problema das indústrias de Pirapora, Januária e Sete Lagoas, entre outras grandes cidades mineiras, que continuam lançando seus esgotos sem nenhum tratamento nas águas do São Francisco, ou em seus tributários. “Quando o rio das Velhas deságua aqui, está cheirando mal. Você coloca a mão na água e ela sai com lodo”, relata João. A Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codelvasf) reconhece que 70% dos municípios ao longo do vale do São Francisco continuam sem qualquer tratamento de esgoto.

Segundo o pescador João, com esse nível de poluição as águas ficam impróprias não

Eldécio dos Anjos, de Matias Cardoso (MG), tem saudade dos tempos em que o rio era fundo. Hoje, com o assoreamento, ele o atravessa com água na cintura





Barcos de pesca e de passageiros em Itacarambi (MG), no médio São Francisco: quem vivia da pesca está procurando outros afazeres

só para o mergulho das crianças, mas para a sobrevivência dos próprios peixes, que frequentemente aparecem boiando por ali. A consequência desse descaso ambiental foi a derrocada da principal atividade de subsistência da comunidade. “Eu já cheguei a tirar um salário mínimo por semana na pesca. Hoje, para tirar isso em um mês é muito difícil. Se descobrem que você pescou perto do Rio das Velhas, às vezes as pessoas não querem nem comprar o peixe”, conta.

Ao ver sua pesca minguar progressivamente, o jeito encontrado por João Francisco foi passar a se revezar entre o rio e o baruzeiro, se dedicando à coleta de um fruto típico do Cerrado, o baru, que contém uma nutritiva castanha, vendida em mercados e feiras da região.

Já outros ex-pescadores de Guaicuí que também não conseguem mais se sustentar com a pesca acabaram optando por trabalhar nas dragas que realizam o trabalho de desassorear os rios da bacia. O desafio é

complexo e o sanfoneiro Antonio Passos, da cidade de Manga, explica por que: “O São Francisco era tão fundo, que era até escuro, tinha lugar com até 20 metros de fundura. Naquele tempo, por falta do conhecimento, desmataram as laterais do rio, derrubando as beiradas. Agora não tem mais as raízes pra segurar a terra e foi tudo desabando, e desabando, e desabando, e entupindo, até ficar assim”, explica Antonio.

Fluxo de peixes alterado

Mesmo assim, com todos esses problemas ambientais, o São Francisco não deixa de fazer parte do cotidiano desses povoados. O peixe está na base da alimentação dos ribeirinhos, e, mesmo nos tempos de escassez, a pesca artesanal ainda é uma atividade comum, mesmo que atualmente esteja em claro declínio.

Uma equipe de pesquisadores acadêmicos já percorreu, desde 2004, 344 mil quilômetros ao longo do Velho Chico, in-

Legendas

-  Canal da transposição
-  Rio receptor
-  Central elétrica
-  Área de influência indireta
-  Área de influência direta

Escala
0 50 100km

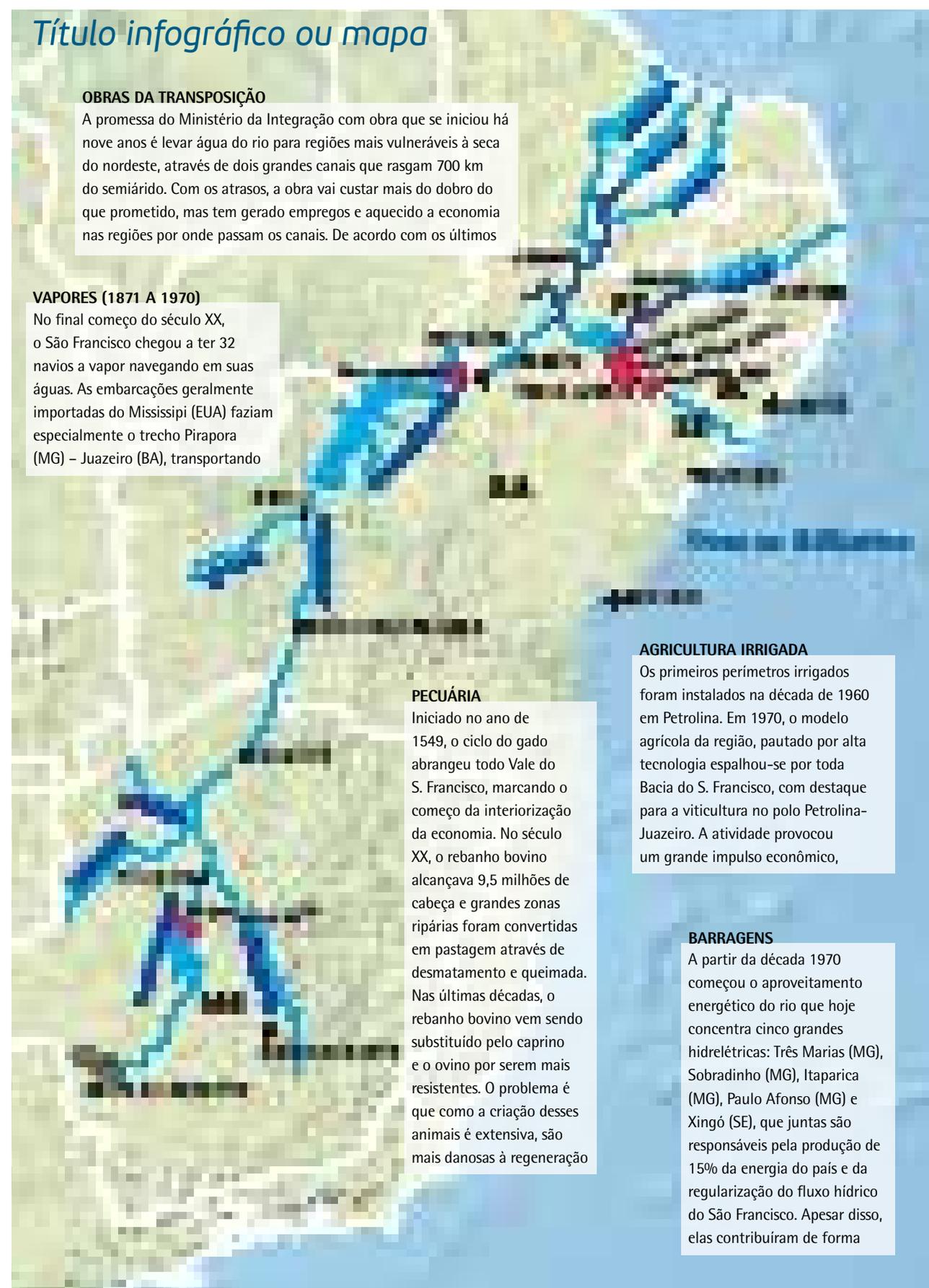
Título infográfico ou mapa

OBRAS DA TRANSPOSIÇÃO

A promessa do Ministério da Integração com obra que se iniciou há nove anos é levar água do rio para regiões mais vulneráveis à seca do nordeste, através de dois grandes canais que rasgam 700 km do semiárido. Com os atrasos, a obra vai custar mais do dobro do que prometido, mas tem gerado empregos e aquecido a economia nas regiões por onde passam os canais. De acordo com os últimos

VAPORES (1871 A 1970)

No final começo do século XX, o São Francisco chegou a ter 32 navios a vapor navegando em suas águas. As embarcações geralmente importadas do Mississippi (EUA) faziam especialmente o trecho Pirapora (MG) – Juazeiro (BA), transportando



AGRICULTURA IRRIGADA

Os primeiros perímetros irrigados foram instalados na década de 1960 em Petrolina. Em 1970, o modelo agrícola da região, pautado por alta tecnologia espalhou-se por toda Bacia do S. Francisco, com destaque para a viticultura no polo Petrolina-Juazeiro. A atividade provocou um grande impulso econômico,

PECUÁRIA

Iniciado no ano de 1549, o ciclo do gado abrangeu todo Vale do S. Francisco, marcando o começo da interiorização da economia. No século XX, o rebanho bovino alcançava 9,5 milhões de cabeça e grandes zonas ripárias foram convertidas em pastagem através de desmatamento e queimada. Nas últimas décadas, o rebanho bovino vem sendo substituído pelo caprino e o ovino por serem mais resistentes. O problema é que como a criação desses animais é extensiva, são mais danosas à regeneração

BARRAGENS

A partir da década 1970 começou o aproveitamento energético do rio que hoje concentra cinco grandes hidrelétricas: Três Marias (MG), Sobradinho (MG), Itaparica (MG), Paulo Afonso (MG) e Xingó (SE), que juntas são responsáveis pela produção de 15% da energia do país e da regularização do fluxo hídrico do São Francisco. Apesar disso, elas contribuíram de forma

Fonte: Nononono, 2011

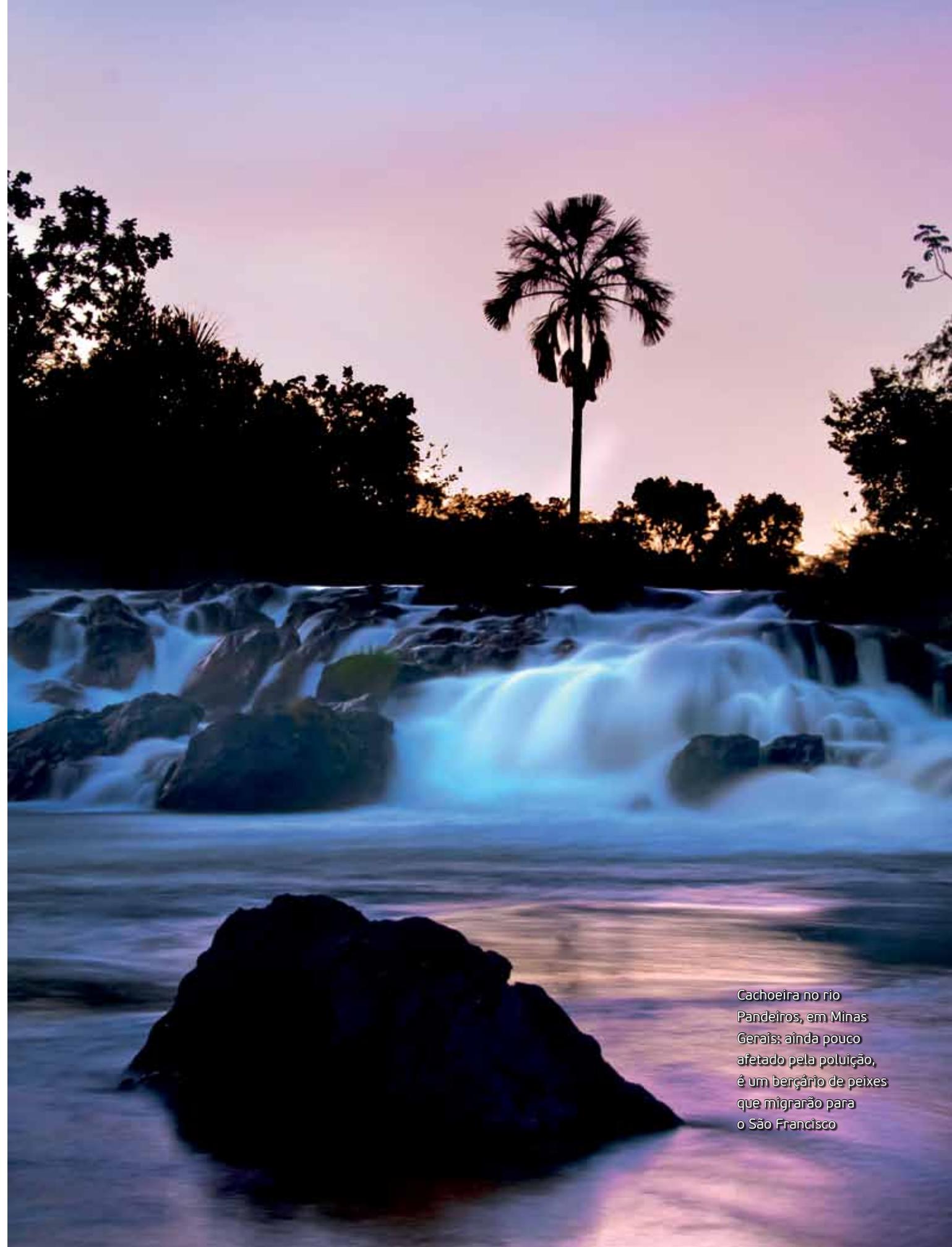
Veado
campeiro
fotografado
próximo a uma
das nascentes
do rio, na Serra
da Canastra:
biodiversidade
sob risco,
dentro do rio
e nas suas
margens

investigando as ameaças à fauna e à flora da região, e que também interferem diretamente na qualidade de vida dos moradores. A preocupação dos acadêmicos é a mesma dos ribeirinhos: os peixes não conseguem mais se reproduzir de maneira sustentável, e o assoreamento, ou seja, a deposição contínua de sedimentos no fundo do leito do rio, continua acelerada.

Segundo o pesquisador José Alves Siqueira, da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), além dos milhares de litros de esgoto que deságuam em suas águas, outro problema ambiental enfrentado pelo São Francisco está relacionado às usinas hidrelétricas construídas na década de 1970, como Sobradinho, Xingó, Três Marias e o complexo de Paulo Afonso. Conforme explica o professor, apesar de produzirem 15% da energia consumida no país, essas barragens alteraram profundamente o fluxo de peixes do rio e a qualidade das águas, acabando com as lagoas temporárias que serviam de berçário natural para

a fauna e, com isso, determinando a situação atual de escassez de peixes ao longo de todo rio. “É quase inacreditável, mas nos restaurantes na beira do São Francisco as opções de peixe disponíveis no cardápio são tilápias, cultivadas em tanques-rede, e tambaquis importados da Argentina”, lamenta Siqueira. “No seu processo de ocupação, não só foram perdidas espécies, mas processos ecológicos inteiros. Foi-se para sempre, por exemplo, o processo da piracema e seus incríveis peixes migratórios”, prossegue.

Siqueira é organizador do livro *Flora das caatingas do Rio São Francisco: história natural e conservação*, publicação que reuniu uma equipe de especialistas que assinam um rico e confiável inventário da Caatinga, com dados preocupantes sobre este bioma. Além do problema mais óbvio relacionado à diminuição da pesca, o grupo identificou outros processos resultantes da degradação ambiental ao longo da bacia do São Francisco, como a salinização de solos, os açudes com água salobra e os baixíssimos percentuais



Cachoeira no rio
Pandeiros, em Minas
Gerais: ainda pouco
afetado pela poluição,
é um berçário de peixes
que migrarão para
o São Francisco

de cobertura vegetal, hoje reduzida a 2% da abrangência original.

O projeto de pesquisa sobre a vegetação da Caatinga que resultou na obra coordenada pelo professor tem a missão de identificar e desenvolver técnicas de conservação da biodiversidade deste bioma ao longo da bacia do São Francisco. Essa é uma exigência do Ibama para a execução da polêmica transposição de parte de suas águas, iniciada em 2007 pelo Ministério da Integração Nacional com a promessa de reduzir a desigualdade de acesso aos recursos hídricos no Nordeste brasileiro. “No primeiro momento, me assustei com a escala das ações que abrangeriam 700 quilômetros de canais artificiais e 29 reservatórios, além de estações de bombe-

amento e pequenas usinas hidrelétricas”, conta o professor. Ainda assim, segundo ele, o convite para coordenar um projeto de conservação paralelo à transposição era a oportunidade para estudar uma região sob o impacto de uma obra colossal de engenharia civil.

Com a falta de saneamento básico afetando as cidades ribeirinhas, o assoreamento progressivo e a constante diminuição da vazão do rio, porém, o grande paradoxo vivido pelo Ministério da Integração hoje é conciliar as obras da transposição com um programa eficiente de revitalização do rio. Em 2009, o Governo Federal declarou não ser possível retirar água do São Francisco para matar a sede de 12 milhões de nordestinos sem antes

Em Pedras de Maria da Cruz (MG), no Médio São Francisco, os peixes ainda surgem. Depois das sucessivas barragens é que a piscosidade do rio cai bastante



recuperá-lo. Os programas de revitalização, porém, são tímidos diante da extensão do rio e de seus problemas ambientais.

Um doador doente

Dos 505 municípios que integram o Vale do São Francisco, até o momento apenas 71 receberam sistemas de esgotamento sanitário da Codevasf, embora a companhia explique que algumas cidades podem ter sido contempladas por projetos estaduais; outras 64 estações de tratamento de esgotos se encontram em fase de construção. Segundo informações do órgão, ao longo do decênio 2004-2014 a previsão total de investimento em obras de revitalização do rio é de 3 bilhões, incluindo projetos de controle de erosão, reflorestamento e monitoramento da qualidade de água, construção de cisternas e sistemas de irrigação.

Enquanto isso, as obras da transposição, estimadas em 4,8 bilhões de reais em 2007,

já tiveram o orçamento ajustado para R\$ 8,2 bilhões. Ainda assim, boa parte da obra, que está 57% concluída, parece ter sido desacelerada no atual governo. Com os atrasos, até hoje ninguém ainda foi beneficiado com acesso à água vinda da transposição.

Prometida para 2010, a transposição já teve sua nova data de conclusão postergada para 2015. Antes disso, para revitalizar o rio o governo precisa recuperar milhares de hectares de mata ciliar, executar centenas de projetos de tratamento de esgoto e melhorar a qualidade das águas do rio, para que possam ser canalizadas para regiões mais secas do semiárido.

Enquanto os prazos se arrastam, a obra continua provocando questionamentos. Para resumir as incertezas sobre o futuro do Velho Chico e sua transposição, Inácio Neves usa a mesma pergunta que ouviu de um ribeirinho em uma de suas viagens pelo rio. “Quem está doente, pode doar sangue?” ●

Dunas de Piaçabuçu: 20 quilômetros de praia praticamente deserta separam o Atlântico do Velho Chico